

---

---

## BILINGUISTO DIFERENCIAL - ESTUDO DE UM CASO

---

---

**Hanna Jakubowicz Batoréo**

Os estudos que temos vindo a desenvolver nos últimos seis anos situam-se no campo do bilinguismo individual e, mais especificamente, no campo do bilinguismo diferencial<sup>(1)</sup>. Refiram-se, estes estudos, a um caso de aquisição simultânea de duas línguas que resulta no domínio progressivo, mas não equilibrado, de ambas, sendo uma dominante e a outra desprivilegiada.

A nossa investigação tem por tema a aquisição da linguagem e o desenvolvimento linguístico de uma criança nascida em Lisboa, em 1982, de mãe polaca e pai português. Teoricamente, a aquisição da linguagem é feita neste caso nas línguas maternas dos pais segundo o esquema "uma pessoa - uma língua"<sup>(2)</sup>, isto é, falando com o pai em português e com a mãe em polaco. A situação, no entanto, está longe de ser modelar: a grande maioria das interacções verbais da criança efectua-se em português, dado ser este o meio linguístico em que ela nasceu e tem crescido tanto em família e entre amigos como no colégio que frequenta desde os dois anos e meio de idade. Das interacções verbais com a mãe apenas algumas se efectuam em polaco (e isto em ritmo decrescente à medida que cresce o grau de inserção social da criança em meios exclusivamente portugueses, sendo escassas as situações de exposição ao polaco. Estas reduzem-se a algumas visitas de familiares e amigos da Polónia, a convívios com amigos luso-polacos

residentes em Portugal e às férias que a criança passou em Varsóvia aos cinco anos de idade.

Distinguimos *três etapas no desenvolvimento da linguagem pela criança sob observação*<sup>(3)</sup> (Fig.1):

1. **Etapa mista (até, aproximadamente, dois anos e dois meses.)** (Fig. 2a) Até esta idade a criança dispunha de apenas um sistema linguístico, englobando, embora, duas línguas naturais: o polaco e o português, que designamos por "sistema luso-polaco", com um sistema fonológico e léxico formado ao mesmo tempo por elementos portugueses e polacos, registando-se poucas designações comuns a ambas as línguas<sup>(4)</sup>. O sistema sintático de que a criança dispõe nesta etapa é, igualmente único, registando-se, no princípio do segundo ano, um significativo desenvolvimento da sintaxe portuguesa.

2. Aos dois anos e dois meses (aproximadamente) começa a **etapa pós-mista** da criança sob observação, isto é, a língua "luso-polaca", que ela utilizava até essa altura, dá lugar a uma diferenciação e separação gradual dos dois idiomas: a criança começa a emitir enunciados que podem ser claramente classificados como pertencentes ao sistema linguístico polaco ou ao sistema linguístico português. A criança começa, progressivamente, *a ter consciência* de que pode exprimir a mesma ideia de "duas maneiras" diferentes. É nesta altura que se inicia o fenómeno da tradução, primeiro em forma de "autotradução" e, depois, de "tradução propriamente dita", que se caracteriza pelo aparecimento gradual da *consciência metalinguística*<sup>(5)</sup> (Cf. Fig. 2c).

Na **etapa pós-mista** podemos distinguir pelo menos *duas fases*<sup>(6)</sup>:

2.1. A primeira, até, aproximadamente, três anos e meio, em que os sistemas se vão separando aos poucos mas em que a "mistura" continua ainda muito persistente. É comum nesta fase encontrarmos os enunciados com a construção sintática portuguesa e com o léxico polaco (Fig. 2b<sub>(1)</sub>).

2.2. A segunda fase, a partir dos três anos e meio, aproximadamente, em que se poderá falar mais facilmente da separação dos dois sistemas: os "cruzamentos" léxico-sintácticos entre as duas línguas começam a rarear e o domínio da língua privilegiada da criança (o português) pode ser considerado igual ao das crianças monolíngues da mesma idade. Ao mesmo tempo o domínio da língua desprivilegiada (o polaco) encontra-se bastante aquém do nível do desenvolvimento linguístico das crianças monolíngues polacas, sendo frequentes as interferências portuguesas ao nível das estruturas tanto sintácticas como ao nível lexical. A consciência metalinguística (Fig. 2c) e a sensibilidade linguística de que a criança tem dado provas podem ser comparadas com as dos bilingues equilibrados (p. ex. v. Ianco-Worrall (1972) ou Ben-Zeev (1977)). Estas características mantêm-se, basicamente, até ao momento presente (sétimo ano de vida), parecendo aumentar cada vez mais o hiato entre o conhecimento das duas línguas.

Os factos atrás referidos não parecem, no entanto, influenciar as capacidades cognitivas da criança. Num estudo sobre a expressão de causalidade<sup>(7)</sup>, efectuado no seu sexto ano de vida, não se verificaram quaisquer diferenças de fundo entre os discursos conversacionais em polaco e em português. Pelo contrário, consideramos que tanto as estratégias, as estruturas, como a organização discursiva *básica* utilizada pela criança em ambos os casos não apresentam divergências significativas entre as línguas estudadas<sup>(8)</sup>. O facto de ter mais ou menos facilidade de expressão numa ou noutra língua não parece interferir no tipo de mecanismos de raciocínio. Por outro lado, aparentemente, a maior facilidade de expressão na língua dominante - o português - que favorece marcadamente a interacção verbal, não parece afectar as capacidades cognitivas do sujeito. Os dados recolhidos nos corpora polacos<sup>(9)</sup> apontam para uma notável melhoria da facilidade de expressão na língua não-dominante, resultante do aumento decisivo do "input" linguístico e da oportunidade de interacção, o que parece provar o carácter, de certo modo superficial, da facilidade de expressão. Esta capacidade, que se encontra em estado latente no caso da língua dominada,

## Bilinguismo diferencial – Estudo de um caso

desbloqueia-se com facilidade, permitindo uma rápida activação da expressão linguística, uma vez melhoradas radicalmente as oportunidades interaccionais. As capacidades cognitivas que a criança revelou ao nível de relações de causalidade não nos parecem encontrar-se afectadas pelo nível do conhecimento de uma das línguas que utiliza. As estratégias que a criança emprega na expressão da causalidade no discurso conversacional são basicamente iguais, independentemente de se tratar da sua língua dominante ou da sua língua desprivilegiada.

Numa tentativa de caracterização semântica<sup>(10)</sup> das respostas fornecidas pela criança nas situações causais parece-nos serem as solicitações elementos decisivos na articulação da resposta final do alocutário (Fig. 2d). Trata-se das características referentes ao verbo principal da pergunta: se em português o *mar mexe* por causa do *vento* (exemplo 1) – *vento* esse que *vem do céu* e está na origem *das nuvens* (exemplos 2 e 3) – em polaco o *vento* está na origem *do movimento das árvores* (exemplo 2), enquanto o *mar*, que em português mexia por causa do vento, em polaco *mexe* por causa dos *navios* (exemplo 1). Este exemplo parece ilustrar muito bem a teoria segundo a qual é a situação da solicitação que já contém em si as características suficientes para operar um certo modelo mental<sup>(11)</sup>. Se do contexto português o alocutário repesca o verbo "mexer" para lhe associar "o vento", no contexto polaco parecem ser "as ondas" (e não o verbo "mexer") o elemento decisivo para desencadear a resposta. Assim, duas solicitações aparentemente semelhantes, mas realizadas com características semânticas diferentes e em línguas diferentes, podem fazer surgir, no mesmo alocutário, respostas de carácter diverso.

Haverá modelos mentais diferentes para cada uma das línguas que um indivíduo domina ou, pelo contrário, existe um modelo básico por trás de vários "outputs" semânticos (e linguísticos, em geral) diferentes? É uma das várias questões do nosso estudo sobre o bilinguismo para que pretendemos procurar resposta em futuros trabalhos.

Fig. 1 Etapas do desenvolvimento da linguagem da criança bilingue luso-polaca

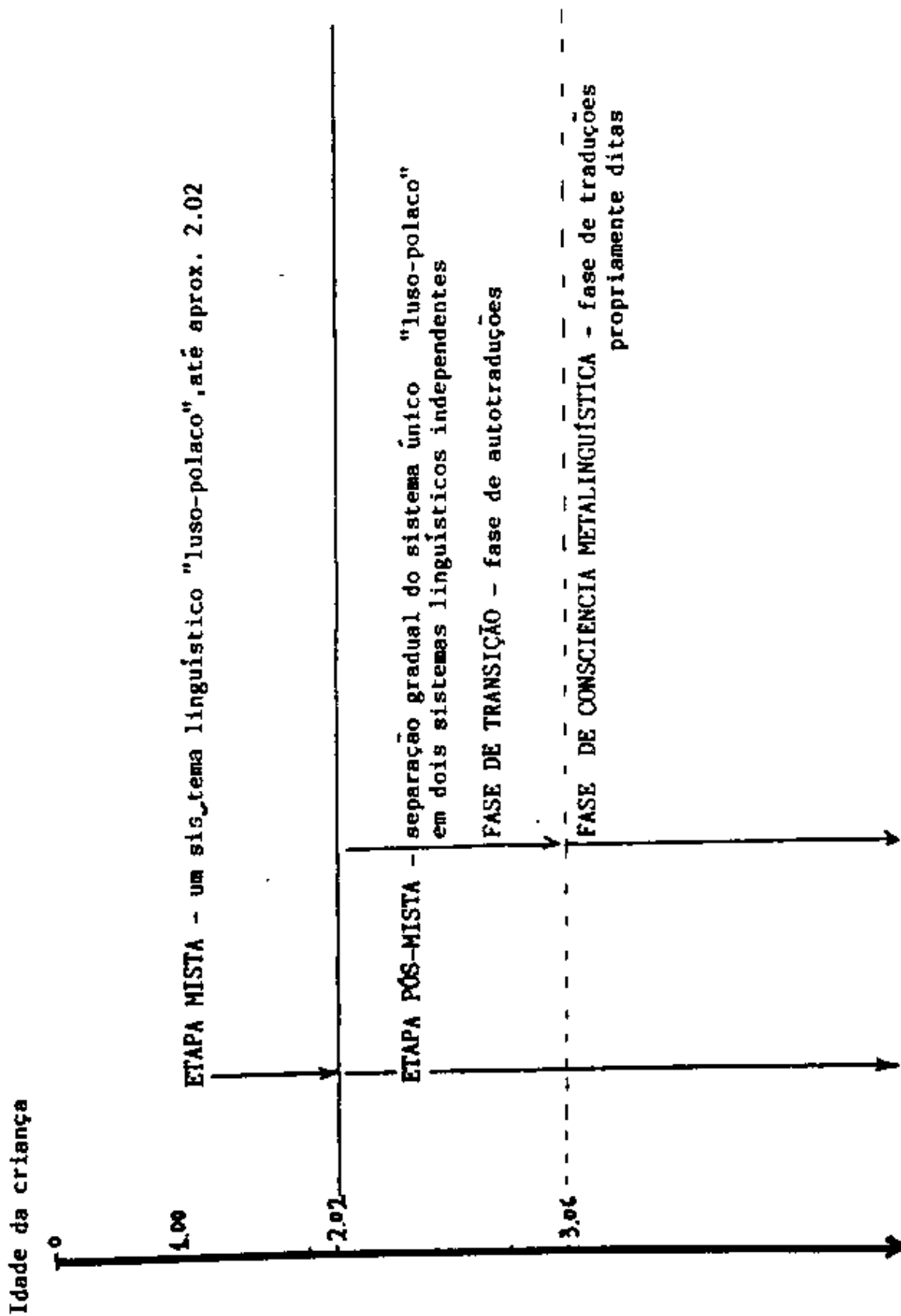


Fig. 2 Exemplos de enunciados

Fig. 2a Exemplos - etapa mista (até 2.02)

<u>Idade</u>	<u>Enunciado</u>	<u>Significado do enunciado no contexto</u>
(1.00)	[apʰ] / [apʰu]	= sapato, aqui está o meu sapato, este é o meu sapato, dá-me o sapato, tira este sapato etc.
(1.06)	[pat̃u] / [pa'tu]	
(1.08)	[baba pʰa] (pol.) baba = avô <u>passar</u>	
(1.08)	[tata ʧiʧiʧεma] (pol.) tata = pai xixi (pol.) nie ma = não há (não está)	= vamos visitar a avó vamos dar uma volta vamos passear! etc.
(1.10)	[mama] 'mãe' / [a:fu] 'pai' (pol.) mama = mãe mão (pol.) nie garfo = não	= pai, já fui fazer xixi! o pai já fez xixi (isto é, já podemos entrar na casa de banho) etc.
(2.01)	[kɔʧε ɛ ʧa] 'quando entrega uma coisa à mãe' com licença (pol.) pronzę mãe = faz favor	= mamã, não comas com a mão, come com o garfo (quando entrega uma coisa à mãe)

Fig. 2b Exemplos - etapa mista (fase transitória: 2.02 - 3.06)

2b(1)

/Exemplos "luso-polacos" coexistentes com enunciados correctos em português e em polaco/

<u>Idade</u>	<u>Enunciado</u>	<u>Significa no contexto</u>
(2.03)	[xɫɛbɛkʲwɔɔ]	- chlebek <u>com</u> mas(t)o = está aqui pão com manteiga (pol.) <u>pão</u> (pol.) <u>manteiga</u> quero pão com manteiga etc.
(2.03)	[vɔumɔxɔr]	- <u>vou</u> (d)muchar = vou soprar (pol.) dmuch ac  " sopr ar
(2.03)	[ɔɛjsapɫɔli]	- <u>deixa</u> przytulic = aconchega-me (pol.) przytulic deixa-me aconchegar-te etc. = <u>aconchegar</u>
(2.03)	[kɔ'βɛlumɔ'ɫawɔm]	- <u>cabelo</u> molhałam = molhei o cabelo = -ei

2b(2) Autotraduções

<u>Idade</u>	<u>Enunciado</u>	<u>Significado no contexto</u>
(2.01) (Em enunciados separados)	<p>[ma:ta'ba vi]</p> <p>(pol.) Marta bawi</p> <p>[maita'bi:h]t</p>	<p>=(pol. correcto) Marta bawi się - Marta brinca</p> <p>= Marta brinca</p>
(2.02) (No mesmo enunciado)	<p>[da:du'ke:zu vɔ:zɔj:sa:ma]</p> <p>(pol.) uwaza] (pol.) samochođ</p> <p>= cuidado = carro</p>	<p>= cuidado com o carro!</p>
(2.05) (Os primeiros dias no colégio)	<p>[Marta nie (ch)ce do (przed)szkola</p> <p>Nie (ch)ce do pani</p> <p>Não quer a senhora</p>	<p>= Marta não quer (ir) para a escola</p> <p>= Não quer (ir) para a senhora</p>
(Uns dias depois)	<p>[Do (przed)szkola tak, do pani nie!</p> <p>P(a)ra (a) escola sim, p(a)ra (a) senhora não!</p>	<p>= Para a escola sim, para a senhora não!</p>
(2.09) (Dirigindo-se a um interlocutor determinado)	<p>[.i mae): Marta nie spadnie</p>	<p>= Marta não vai cair</p>
(2.07) (Tradução desencadeada)	<p>Mãe: Martusiu, poprosz tatusia,</p> <p>zeby mi dał coś słodkiego</p> <p>Marta: Pai, da ..(hesita) ... uma bolacha à mãe!</p>	<p>= Marta pede ao pai para me dar uma coisa doce</p>



Fig. 2c Exemplos - etapa mistaConsciência metalinguística (a partir dos 3.06)Enunciado

Marta (ao pai): tu dizes mar, ela diz morze

Pai: É mar em português e morze em polaco

Marta: Pois, tu não dizes morze, tu dizes mar

Mãe ("conversa" com o caracol em polaco):

Ślimak, ślimak wystaw rog, dam ci sera  
na pierogi

Marta: Caracol, caracol, põe os pauzinhos ao sol ...

Mãe: Ślimak, ślimak (e continua com a versão polaca)

Marta: Nie, nie! Na słońce!

(tradução à letra):

= Caracol, caracol, põe os pauzinhos  
para eu te dar requieirão para os  
pastéis

= Não, não! É para o sol!

Fig. 2d Exemplos (modelos mentais)

<u>Exemplos</u>	<u>Corpus português</u>	<u>Corpus polaco</u> (tradução)
exemplo n° 1	Como <u>mexe</u> o mar? Com o <u>vento</u> O que é que faz <u>mexer</u> a água no mar? O <u>vento</u>	{ Porque é que há <u>ondas</u> no <u>mar</u> ? Como é que a <u>água</u> <u>mexe</u> ? { Porque é que a <u>água</u> <u>mexe</u> ? (São) os <u>navios</u>
exemplo n° 2	Onde vem o <u>vento</u> ? do <u>céu</u>	
exemplo n° 3	Porque é que as <u>nuvens</u> andam no céu? É o <u>vento</u> que está a <u>empurrar</u>	Porque é que esta <u>árvore</u> está a <u>mexer</u> ? O <u>Vento</u> está a <u>empurrar</u> os <u>árvores</u>

Fig. 3 Aquisição do vocabulário até aos três anos de idade  
(quadro numérico)

<u>Idade</u>	<u>Unidades lexicais</u>				Total
	P	PI	P/PI	Total	
0 → 1.06	7	8	2	17	
1.06 → 2.00	+ 53	+ 35	+ 2	+ 90	
aos dois anos	<u>60</u>	<u>43</u>	<u>4</u>	<u>107</u>	
2.00 → 2.02 1/3	+ 88	+ 41	+ 8	+ 137	
Total aos 2.02 1/3	<u>148</u>	<u>84</u>	<u>12</u>	<u>244</u>	
Total aos 3.00	310	254	70	634	

---

NOTAS

---

- (1) Propomos (V.H.J. Batoréo, 1988) uma tradução portuguesa da oposição "*balanced bilingualism*" vs. "*non-balanced bilingualism*" como "*bilinguismo equilibrado*" vs. "*bilinguismo diferencial*". O termo "*balanced bilingualism*", relativo a um indivíduo bilingue plenamente competente nas duas línguas a que se encontra exposto, foi introduzido em 1959 por Lambert, Havelka e Gordon e depois utilizado, p. ex., em 1962 por Peal e Lambert, na tentativa de distinção entre as crianças "pseudo" bilingues e "autenticamente" bilingues.
- (2) V. Ronjat (1913) (p. ex. in: G. Saunders, 1982), assim como todos os estudos que lhe seguem, referentes à aquisição da linguagem pelas crianças bilingues (Cf. G. Saunders, 1982).
- (3) Cf. As três etapas do desenvolvimento da linguagem pelas crianças bilingues (p. ex. em: G. Saunders, 1982).
- (4) Aos 2.02 a criança dispõe de um total de 244 expressões em ambas as línguas, das quais 148 podem ser identificadas como portuguesas, 84 como polacas, quatro como palavras pertencentes a ambos os sistemas e quatro como formas híbridas – cruzamento dos elementos lexicais de polaco e de português (Cf. Fig. 3).
- (5) A *consciência metalinguística* da criança deve ser entendida como a consciência de dois sistemas e dois tipos de alocutários (duas comunidades), assim como das relações existentes entre eles.
- (6) Ao nível de tradução, a princípio trata-se, apenas, de uma autotradução, isto é, de justaposição de dois enunciados equivalentes ou de partes consituíntes destes, verificando-se co-ocorrência de ambas as línguas no mesmo enunciado. Neste primeiro momento a tradução faz-se em função do próprio e, aparentemente, nada fora da própria criança determina tal ocorrência. No segundo momento, a tradução passa a surgir em função do alocutário, isto é, da pessoa com quem a criança entra em interacção verbal e que é por esta reconhecida como pertencente a um ou outro sistema. Trata-se, então de uma autotradução que engloba o plano pragmático para além do estritamente linguístico. Finalmente, surge a tradução propriamente dita, isto é, a transposição do enunciado ouvido numa língua, emitido por uma pessoa, para a outra língua, correspondente na maioria dos casos, a um outro alocutário. (V.H.J. Batoréo(1987 a)) (Fig. 2b<sub>(2)</sub>).

- (7) H.J. Batoréo (1987 b e 1988).
- (8) A análise efectuada ao nível do corpus apontava para uma grande diferença de organização discursiva entre os corpora parciais: o corpus português – referente à língua dominante da criança – era o mais coeso e harmonioso, características que se encontravam ausentes dos dois corpora polacos. A análise efectuada a este nível procurou apresentar os factores de ordem interaccional que contribuíram para o estudo, tanto no domínio psicológico, sociológico como linguístico, jogando as diferentes variáveis e combinando-as entre si. A análise efectuada ao nível de situações causais permitiu-nos ir mais ao fundo da questão: verificámos que as estratégias utilizadas pela criança na expressão das relações de causalidade não diferem entre as línguas por ela utilizadas.
- (9) O primeiro corpus polaco é anterior à primeira viagem da criança à Polónia, enquanto o segundo foi levantado dois meses depois, na quarta semana da sua primeira estada naquele país.
- (10) H.J. Batoréo (1987 b).
- (11) Johnson-Laird (1987 a).

---

## **BIBLIOGRAFIA**

---

- Batoréo, H.J.** (1987 a), *"Aquisição e Aprendizagem da Linguagem Verbal - Análise de Estratégias de Tradução de uma Criança Bilingue Luso-Polaca (2.04-4.02)"*, apresentado nas Jornadas de Sociolinguística, FLL, Janeiro de 1987.
- Batoréo, H.J.** (1987 b) *"Construções Causais na Interação Verbal de uma Criança Bilingue Luso-Polaca aos Cinco Anos de Idade - Contribuição para um Estudo de Modelos Mentais e Produção Verbal"*, em: Actas do 3º Encontro da APL, Lisboa, Outubro de 1987, (ed. 1988).
- Batoréo, H.J.** (1988) *"Expressão de Causalidade e Coerência Discursiva numa Situação de Bilinguismo Diferencial - Contribuição para os Aspectos Cognitivos do Bilinguismo"*, a publicar em: Actas do 4º Encontro da APL, Lisboa, 1988.
- Ben-Zeev, S.** (1977), "The Influence of Bilingualism on Cognitive Strategy and Cognitive Development", em: *Child Development*", 48, 1009-18.

## Bilinguismo diferencial – Estudo de um caso

- Hakuta, K., Ferdman, B.M., Diaz, R.M. (1987), "Bilingualism and Cognitive Development: Three Perspectives" em: Rosenberg, S. (ed.) (1987) *"Advances in Applied Psycholinguistics"*, vol. 2, CUP 1987.
- Hornby, P.A. (ed.) (1977), *"Bilingualism: Psychological, Social & Educational Implications"*, Academic Press Inc., 1977.
- Ianco-Worrall, A.D. (1972), "Bilingualism & Cognitive Development", em: *"Child Development"*, 1972, 43, 1390-1400.
- Johnson Laird, P.N. (1987 b), "Reasoning, Imagining and Creating" em: *"Bulletin of the British Psychological Society"* (1987), 40, pp. 121-129.
- Kaczmarek, L. (1977), *"Nasze Dziecko Uczy sie Mowy"* ("O Nosso Filho Aprende a Falar"), Lublin, 1977.
- Lambert, W. (1977), "The Effects of Bilingualism on the Individual: Cognitive and Sociocultural Consequences", em: "Hornby, P.A. (ed.) (1977).
- Mateus, M.H.M., Brito, A.M., Silva Duarte, I. & Faria, I.H. (1983), *"Gramática da Língua Portuguesa"*, Livraria Almedina, Coimbra, 1983.
- Piaget, J. (1972), *"La Représentation du Monde chez L'Enfant"*, Presses Universitaires de France, Paris, 1972.
- Raingeard, M. & Lorschelder, U. (1977), "Édition d'un Corpus de Français Parlé", em: *"Recherches sur le Français Parlé"*, 1, GARS, Université de Provence, 1977, pp. 14-29.
- Saunders, G. (1982), *"Bilingual Children. Guidance for the Family"*, Multilingual Matters: 3, 1982.
- Singer, M. (1986), "Answering Yes-No Questions about Cases: Question Acts and Question Categories" em: *Memory and Cognition*", 1986, 14 (1), pp. 55-63.
- Szuman, S. (1985), *"Dziela Wybrane – Studia nad Rozwojem Psychologii Dziecka"* ("Estudos sobre o Desenvolvimento da Psicologia Infantil") (Tom 1) 1985.
- Ulatowska et alii (1984), "Afazja: rozważania o dyskursie" ("Afásia e Discurso") em: Kurcz, Ida, Shugar, G.W., Bokus, B. (eds.) (1987) *"Wiedza a Język – Język Dziecka"* ("Cognição e Linguagem – Linguagem da Criança") (Tom 2), Zakład Nadorowy im. Ossolinskich, PAN, 1987.